

A EXPRESSÃO PRONOMINAL DE POSSESSIVOS DE SEGUNDA PESSOA EM CARTAS DE AMOR DO SÉCULO XX

THE PRONOMINAL EXPRESSION OF SECOND-PERSON POSSESSIVES IN
20TH CENTURY ROMANCE LETTERS

Cristiane Namiuti | [Lattes](#)
cristianenamiuti@gmail.com

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Raiana Cristina Dias da Cruz | [Lattes](#)
raianacristinadias@gmail.com

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Carlos Wilson de Jesus Pedreira | [Lattes](#)
carloswilsonpedreira@yahoo.com.br

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Mireia Lêda Silva Santos | [Lattes](#)
mireialeda12@gmail.com

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Isabel dos Santos Magalhães Gomes | [Lattes](#)
dossantosmagalhaesi@gmail.com

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Gabriela Santos Barros | [Lattes](#)
gabrielabarros852@gmail.com

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Daniela Soares de Oliveira | [Lattes](#)
danielasoares2806@gmail.com

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Apresentamos aqui, em perspectiva diacrônica, a descrição e análise do uso das formas possessivas de segunda pessoa em cartas de amor do século XX, escritas por dois casais de missivistas, de diferentes gerações, residentes no Sertão do Pajeú, em Pernambuco. Os resultados apontam para diferentes usos dos pronomes possessivos, registrando-se a preferência das formas *teu/tua* nas cartas de amor dos missivistas que se corresponderam nos anos 1950 (1956 a 1958), coexistindo com o uso do pronome *você*, em variação com o pronome *tu*, na função sujeito e com o pronome *lhe* em variação com *te*, expressando o dativo e o acusativo de segunda pessoa, enquanto que nas cartas do casal da década de 1970 (1972 a 1977) atesta-se preferencialmente o uso das formas possessivas *seu/sua* coexistindo com o pronome *você* na função sujeito e o pronome *lhe* como a única opção do dativo e acusativo de segunda pessoa. O artigo questiona a hipótese, amplamente aceita, de que as mudanças no sistema pronominal e de concordância do PB seriam consequências da gramaticalização de *Vossa Mercê* em pronome de segunda pessoa *você*, e ainda postula que as alterações no uso das formas possessivas para expres-

sar a segunda pessoa nas cartas de amor do Sertão do Pajeú inserem-se em um quadro de outras alterações no sistema pronominal e de concordância, fatos que sugerem mudança relacionada a perda da marcação morfológica de traços morfossintáticos, morfossemânticos e discursivos.

Palavras-chave: Sistema pronominal. Concordância. Variação. Mudança.

Abstract : We present here, from a diachronic perspective, a description and analysis of the use of second person possessive forms in 20th century love letters written by two couples from different generations living in the Sertão do Pajeú region of Pernambuco. The results point to different uses of possessives pronouns, with a preference for the forms ‘teu/tua’ in the love letters of the writers who corresponded in the 1950s (1956 to 1958), coexisting with the use of the pronoun ‘você’, in variation with the pronoun ‘tu’, in the subject function and with the pronoun ‘lhe’ in variation with ‘te’, expressing the dative and accusative of the second person, while the couple’s letters from the 1970s (1972 to 1977) preferentially show the use of the possessive forms ‘seu/sua’ coexisting with the pronoun ‘você’ in the subject function and the pronoun ‘lhe’ as the option for the second person dative and accusative. The article contests the hypothesis, widely accepted, that the changes in the pronominal and agreement system of BP are a consequence of the grammaticalization of “Vossa Mercê” into the second person pronoun “você”, and also postulates that the changes in the use of possessive forms to express the second person in love letters from the Sertão do Pajeú are part of a scenario of other changes in the pronominal and agreement system, facts that suggest change in the morphological marking of morphosyntactic, morphosemantic and discursive features.

Keyword: Pronominal System. Agreement. Variation. Change.

1 Introdução

De acordo com Menon (1995), Silva (1996), Lopes e Machado (2005), Arduin (2005), Arduin e Coelho (2006), Martins e Vargas (2014), e com muitos outros trabalhos, as alterações no sistema pronominal do Português Brasileiro (PB) estão relacionadas com a entrada, no século XVIII, da forma *você*, originária do sistema de tratamento da língua portuguesa, no paradigma de pronomes pessoais de segunda pessoa com concordância de terceira. Esse fato teria alterado o sistema de concordância e afetado outras formas pronominais, incluindo o sistema de possessivos (Silva, 1982, 1996; Cerqueira,

1996, 2018; Perini, 1985; Galves, 1998; Lopes; Machado, 2005; entre outros). O pronome possessivo de terceira pessoa *seu* teria passado a ser utilizado como pronome possessivo de segunda pessoa (ex. 1 e 2), como um dos resultados das modificações ocorridas no paradigma pronominal, decorrentes da inclusão da forma *você* no quadro de pronomes pessoais, tornando o possessivo *seu* altamente ambíguo. Segundo Silva (1996), duas estratégias entram em ação para a dissolução da ambiguidade na língua brasileira: (i) a combinação de tratamento *você/tu*, ou seja, o uso do pronome *você* na função sujeito ou objeto juntamente com o pronome possessivo *teu* (ex. 3); (ii) o uso do genitivo *dele* tomando, cada vez mais, o lugar de *seu* na 3^a pessoa semântica, principalmente na língua oral (Silva, 1996 p. 172), conforme pode ser observado no ex. (5).

- (1) Aquele **seu** amigo esteve aqui procurando **você**.
- (2) Aquele **seu** amigo esteve aqui **te** procurando.
- (3) Aquele **teu** amigo esteve aqui procurando **você**.
- (4) Aquele **teu** amigo esteve aqui **te** procurando.
- (5) Aquele amigo **dele** esteve aqui procurando **você** (falando do amigo de ‘José’, uma terceira pessoa)

Marcotulio (2010), Martins e Vargas (2014), Lopes *et al.* (2018) e Lucena (2019) também encontraram esse uso combinado de formas de terceira pessoa com formas de segunda pessoa, referindo-se à segunda pessoa do discurso, no funcionamento do sistema pronominal em dados históricos em perspectiva diacrônica, tendo incidência nos séculos XVIII, XIX e XX, sugerindo que o sistema de concordância que mantém a uniformidade no sistema de tratamento, com o uso de pronomes concordantes, já teria sofrido alguma alteração no século XVIII.

O exemplo (6), extraído da carta do missivista J. R. S, *fac-símile* 12 do *corpus* da presente pesquisa e datada de 18 de janeiro de 1958, também ilustra esse uso combinado das formas dos possessivos *teu*, *seu* e o pronome *você*.

- (6) Recebi a **tua** cartinha fiquei jubilada em saber notícias **tuas**. Maria domingo eu fui com Dé até la a casa de seu Artur eu ia até lá em **sua** casa; mas desconfiei que **você** não estava em casa e voltei. Lamentei quando soube que **você** estava mas não tem nada fica para quando nós se avistar então o meu coração irá passar momentos feliz ao **teu** lado. (J. R. S fac-símile 12, 18/02/58)¹

¹ Optamos por uma transcrição conservadora do *fac-símile* do manuscrito original, mantendo a ortografia e segmentação de palavras tal como no documento original. Os exemplos trazidos no artigo seguem essa transcrição.

De fato, o PB coloquial apresenta variação na expressão da posse nominal de segunda e terceira pessoa. As formas pronominais *seu* e *sua* podem expressar posse de segunda ou terceira pessoa em variação com *teu*, *tua* para segunda pessoa e *dele*, *dela* para terceira pessoa e este fato remonta fases mais antigas da língua.

Silva (1984) estuda a distribuição de *dele/seu* (de terceira pessoa) e constata que a forma *dele* é a preferida no registro oral, assinalando que essa forma está completamente estabelecida na modalidade oral.

Segundo Menuzzi (1999), o sistema pronominal do PB está passando por mudanças que fazem com que *seu* se torne desfavorecido como forma anafórica para antecedentes referenciais de 3^a pessoa. Este seria o traço inovativo do PB, diferenciando-o de outras línguas românicas.

Partindo de uma perspectiva histórico-diacrônica, baseada em pressupostos gerativistas para modelar a variação e explicar a mudança gramatical (Kroch, 1989; 2001), no presente artigo, apresentamos o resultado da descrição e análise dos usos de *seu* e *teu* em dois conjuntos de cartas de amor de dois casais de missivistas que residiram no sítio Brejinho – comunidade rural do município de Triunfo-PE, que está localizado no Sertão do Pajeú.²

O primeiro conjunto de cartas analisado é de um casal que se correspondeu na década de 1950 e o segundo de um casal que se correspondeu na década de 1970. De maneira semelhante ao que se observa em outros trabalhos sobre o mesmo tema (Martins; Vargas, 2014; Lucena, 2019), verificamos a variação entre *seu* e *teu* em termos quantitativos e sua relação com conteúdo discursivo-pragmáticos e, ainda, sua distribuição em relação às demais formas pronominais não possessivas (os pronomes sujeito e objeto).

Observamos diferenças interessantes entre os dois recortes temporais apresentados e, aqui, destacamos duas. A primeira é quantitativa, em que há predominância de uso da forma *teu* para segunda pessoa possessiva nas cartas da década de 1950 (73%) e de *seu* nas cartas da década de 1970. Esta diferença é interessante, pois trabalhos que ana-

² O Sertão do Pajeú em Pernambuco possui uma área de 8.689,7 km² e é formada por 17 municípios. A ocupação dessa região pelo colonizador europeu teve início ainda no século XVI e teve como ponto de partida a cidade de Salvador-BA que através de expedições de reconhecimento das terras e aprisionamento dos povos indígenas, promovidos pela Casa da Torre, Bahia, sob a administração de Garcia D'Ávila, iniciou-se o processo de povoação desta região, marcada pela exploração colonial e posterior incentivo a criação de gado e cultivo de alimentos que deram origem a pequenos núcleos populacionais que se desenvolveram em cidades e vilas (Abreu, 1930). De acordo com o censo demográfico 2010 do IBGE, vive uma população de 314.603 habitantes, sendo 199.726 habitantes na área urbana e 114.877 habitantes na zona rural. Na agricultura, além do milho e feijão, a região cultiva a cana-de-açúcar utilizada por cerca de 100 engenheiros que produzem mel, rapadura e cachaça. Abrangência: Serra Talhada, Sertânia, Afogados da Ingazeira, São José do Egito, Custódia, Flores, Santa Terezinha, Carnaíba, Verdejante.

lisaram a variação, nesse mesmo espaço temporal, mesmo tipo de documento e mesma relação de missivista, embora com um recorte geográfico diferente, não atestaram essa diferença quantitativa nos usos de *teu* e *seu*. Lucena (2019), por exemplo, ao analisar cartas pessoais de missivistas com o mesmo tipo de relação (relação simétrica Noivo/Noiva, Namorado/Namorada), para o período equivalente ao nosso recorte temporal (1940-1970), registrou 91% de uso da forma *seu* como possessivo de segunda pessoa, sendo o pronome *teu* bastante marginal no *corpus* desse período. A segunda é que há um fator discursivo/pragmático orientando o uso dos possessivos *seu* e *teu* que está presente somente nas cartas da década de 1950. Os dados extraídos das cartas da década de 1970 sugerem que este fator não está mais presente, como veremos na seção 3 desse artigo.

Uma vez que o uso de *seu/sua*, como pronomes possessivos de segunda pessoa, insere-se em um quadro de outras alterações no sistema pronominal, como a alteração do sistema de clíticos, o uso do clítico *lhe*, para expressar a segunda pessoa dativa e também a segunda pessoa acusativa, a gramaticalização de *você* como pronome de segunda pessoa, além de outras alterações na gramática como a alteração no sistema de concordância, fatos descritos em muitos trabalhos a exemplos dos citados neste artigo, questionamos como se dá a variação no uso das formas pronominais de segunda pessoa possessiva nas cartas de amor do Sertão do Pajeú e, ainda, qual seria o estatuto gramatical dela, ou seja, o uso variável das formas encontradas nas cartas de 1950 é produzido pelo mesmo sistema que produziu o uso variável nas cartas de 1970?

O presente artigo está estruturado da seguinte forma: nesta primeira seção, foi apresentado o problema juntamente com uma síntese do estado da arte. Na seção 2, apresentam-se o *corpus* e a metodologia. A seção 3 está dedicada à apresentação dos resultados e, por fim, na seção 4, apresentam-se as considerações finais.

2 Corpus e metodologia

Partindo de uma perspectiva histórico-diacrônica, baseada em pressupostos gativistas para modelar a variação e explicar a mudança gramatical (Kroch, 1989; 2001), buscou-se descrever e analisar a variação das formas de expressão pronominal da posse de segunda pessoa *teu/tua vs seu/sua*, em cartas pessoais produzidas por dois casais de missivistas de diferentes gerações que trocaram cartas na segunda metade do século XX (1956-1977). Os dados, aqui analisados, foram extraídos de 122 cartas pessoais, do subgênero carta de amor, pertencentes a dois casais que se corresponderam em sua juventude. O primeiro casal trocou cartas na década de 1950 e o segundo casal, na década de 1970.

Tais cartas foram doadas ao Laboratório de Documentação Linguística de Pernambuco (LEDOC) e hoje fazem parte do banco informatizado de textos do LEDOC que as cedeu ao Laboratório de Pesquisa em Linguística de *Corpus* (LAPELINC) para processamento, seguindo a metodologia de construção de corpora do LAPELINC (Santos; Namiuti, 2019).

Os *fac-símiles* das cartas foram numerados e o texto de cada carta transscrito em meio digital, em documento de texto identificado com o número do *fac-símile*. Os dados foram extraídos manualmente e organizados em planilha para descrição, tabulação, quantificação e análise. Foram identificados os pronomes possessivos, pessoais e oblíquos, com valor de segunda pessoa, utilizados nas cartas e observado o funcionamento do sistema pronominal em cada carta para cada missivista. Os dados são identificados com o número do *fac-símile*, as iniciais do nome do missivista e a data.

3 O funcionamento e a distribuição das formas pronominais possessivas, encaixadas no sistema pronominal, em cartas de amor das décadas de 1950 e 1970

As cartas analisadas apresentam um retrato da variação no emprego dos possessivos de 2^a pessoa, compondo as marcas linguísticas de missivistas que representam duas gerações subsequentes. O primeiro casal, composto de homem e mulher nascidos ainda na primeira metade do século XX, escreve na década de 1950, e o segundo casal, composto de homem e mulher nascidos já na segunda metade do mesmo século, escreve na década de 1970. O resultado da distribuição quantitativa do uso de *teu(s)/tua(s)* e *seu(s)/sua(s)* aponta para uma diferença significativa entre os dois conjuntos, conforme se vê na Tabela 1.

Tabela 1 – Pronomes com valor de segunda pessoa possessiva utilizados nas décadas de 50 e 70

Formas Pronominais	Década de 50		Década de 70	
	22 cartas		99 cartas	
<i>teu(s)/tua(s)</i>	45	73%	71	33%
<i>seu(s)/sua(s)</i>	17	27%	143	67%
Total	62		214	

Fonte: elaborada pelos autores.

O resultado quantitativo da análise das cartas da década de 1950 se aproxima mais do resultado de Lucena (2019) para os documentos do início do século (1900-1939) (com

95% de uso de *teu* na relação Namorado-Namorada) que para os documentos contemporâneos a elas (1940-1979) (com 9% de uso de *teu* na relação Namorado-Namorada). Já o resultado quantitativo das cartas da década de 1970 ainda apresenta um uso de *teu* em torno de 33% enquanto esse uso já aparece quase marginal nos documentos analisados por Lucena (2019) e que compreendem também esse período de 1970.

Todavia, um aspecto discursivo-pragmático foi observado no uso das formas *teu* e *seu*, nas cartas da década de 1950, que não está exata ou diretamente relacionado a graus de parentesco, como demonstraram Lucena (1999) e outros autores, ou a graus de intimidade, como demonstraram Martins e Vargas (2014) e outros trabalhos, mas mais a um funcionamento discursivo de aproximação e distanciamento entre os missivistas, que pode sim estar relacionado ao rompimento momentâneo da relação simétrica envolvendo o mesmo casal em uma forma de observação mais qualitativa do texto.

De acordo com Andrade e Namiuti (2019), o PB teria uma situação de diglossia entre um sistema semelhante ao uso do Português Clássico (PC), com preferência pelo uso de *seu/sua* para a terceira pessoa, e um sistema reinterpretado (novo) em que *seu/sua* têm valor variável em oposição à anáfora de 3^a pessoa *dele* e o pronome possessivo de 2^a pessoa *teu*. Segundo os autores, a diglossia impede que se tenha uma visão clara do sistema, havendo uma preferência pelas formas *seu/sua* quanto maior for o nível de formalidade.

O funcionamento pragmático relacionado à aproximação e distanciamento entre ‘falante’ e ‘ouvinte’, como motivador dos tipos de uso das formas pronominais de segunda pessoa, pôde ser observado nas cartas de amor da década de 1950. Os missivistas apaixonados se tratavam por *tu, te, ti, teu/tua*, como pode ser visto no exemplo (7), contendo um trecho destacado de uma carta em um momento de reaproximação dos enamorados, datada de 18 de novembro de 1956. Mas, em alguns momentos, em que há um distanciamento entre eles, provocado pela ameaça de nunca mais poderem se aproximar e viver seu amor, o tratamento se dá pela forma *você*, associada ao possessivo *seu/sua* e ao pronome obliquo *lhe*, como no exemplo (8) que contém um trecho destacado da carta datada de 20 de janeiro de 1956.

- (7) [...] julgava esquecido por *ti* mais em horas quando uma feliz noticia me desperta trazendo grande alegria e satisfação pois já pensava em esta esquecido por *ti* amando sem ser amado no momento em que de *ti* tenho uma noticia, meu coração cada dia *te* ama mais *amaste* sem fingimento, meu nasceu somente para *ti*, és de toda minha consideração, não *ti* esqueço um só momen-

to, fico horas a pensar e meditar em que braços andara aquela querida que consagrei todo meu amor puro e declarado pois é claro que *tua* simpatia me domina feliz me considero somente em *ti* amar apesar das minhas fraquesas [...] (fac-símile 3 RJS, 20/01/1956)

- (8) Levo ao *seu* conhecimento que recebi a *sua* carta que veio me trazer uma grande surpresa porque *você* sendo noiva eu pensava que *você* tinha se esquecido de mim eu lhe digo que não esquecerei *você* nunca pois o amor é o mesmo. Maria quanto ao assunto do *seu* casamento eu tenho a diser-lhe o seguinte: *você* está para se casar com um rapaz que tem recurso e é do gosto de *seus* pais e eu sou pobre e nada tenho [...] (fac-símile 3, RJS, 20/01/1956)

Já nas cartas da década de 1970, o uso do pronome possessivo *seu* é quase generalizado e independe das situações pragmáticas, estando sempre associado ao pronome *você*. O uso de *tu* é bastante marginal e o possessivo *teu/tua* ainda é atestado, mas, com uma frequência muito menor. A Tabela 2 apresenta a distribuição dos pronomes com valor de segunda pessoa utilizados em cada uma das gerações e demonstra esses fatos.

Tabela 2 – Pronomes com valor de segunda pessoa utilizados nas décadas de 1950 e 1970

Formas Pronominais	Década de 50		Década de 70	
	22 cartas	99 cartas		
<i>tu</i>	36	14%	5	1%
<i>teu(s)/tua(s)</i>	45	18%	71	8%
<i>seu(s)/sua(s)</i>	17	7%	143	17%
<i>te</i>	73	29%	112	13%
<i>ti</i>	29	12%	18	2%
<i>você</i>	33	13%	415	49%
<i>lhe</i>	17	7%	75	9%
Total	250		839	

Fonte: elaborada pelos autores.

A Tabela 2 demonstra um aumento no uso das formas *seu/sua* como pronomes de segunda pessoa (passando de 7% dos dados na década de 1950 para 17% dos dados na década de 1970), associado a um aumento do uso do pronome *você* (passando de 13% dos dados na década de 1950 para 49% na década de 1970) e do pronome *lhe* representando a segunda pessoa dativa ou acusativa (passando de 7% dos dados na década de 1950 para 9% na década de 1970).

A relação pragmática de afastamento/aproximação como motivação não é observada nas cartas da década de 1970. O uso marginal de *tu* foi atestado em um contexto de reclamação/afastamento entre o casal, como ilustrado no exemplo (9), enquanto o uso de *você* foi encontrado em momentos de aproximação do casal, como ilustra o exemplo (10).

- (9) [...] pois eu queria muito que *tu* continuasse como eras antes [...] (fac-símile 51, C, 02/06/1975)
- (10) "... palavras tão lindas que *você* fez com o aniversario..." [...] (fac-símile 01, JGSR, "s.d.")

O paradigma flexional e o sistema de concordância se associam às alterações do sistema de pronomes da língua em alguma medida (Galves, 1993; entre outros). A concordância de *tu* com uma morfologia de 3^a pessoa, presente no dado em (9), nos traz mais um elemento para analisarmos a mudança gramatical associada às alterações do sistema pronominal, incluindo os pronomes possessivos de 2^a e 3^a pessoas.

Esses fatos podem sugerir uma acomodação das formas presentes nas cartas da década de 1970, no Sertão do Pajeú, em um novo sistema também revelado pela oscilação da concordância de segunda pessoa associada ao uso do pronome *tu* presente no exemplo (9), cujo sistema já é bastante descrito para o PB. Os dados das cartas de 1950 não estão totalmente acomodados nesse sistema, não há uso de *tu* sem concordância e seu uso não é marginal; é, inclusive, superior ao uso de *você*, além de a preferência pelo uso de *teu* e pelo uso de *seu*, como segunda pessoa, estar condicionada ao afastamento/mudança na simetria da relação, o que não se observa.

Os resultados apontam, claramente, para um aumento do uso das formas *seu/sua* como pronome possessivo de segunda pessoa, na década de 70, associado a uma mudança na especificação pragmática da 3^a pessoa morfossintática, com referência à 2^a pessoa do discurso, ou seja, o uso da 3^a pessoa morfossintática com referência à 2^a pessoa do discurso passou da esfera da formalidade para a esfera da intimidade (ex. 10).

Nas cartas de 1950, é importante apontar que não apenas o pronome possessivo muda de forma em uma situação de distanciamento entre os missivistas, mas também os pronomes sujeito e objeto. Os dados em (8) ilustram bem esse uso na esfera da formalidade dos pronomes da 3^a pessoa morfossintática, com referência à 2^a pessoa do discurso, em que RJS escreve: "recebi a **sua** carta" e "não esquecerei **você**" ao invés de "recebi a **tua**

carta” e “não **te** esquecerei”, formas comumente utilizadas por esse missivista que usa exclusivamente as formas *teu/tua* e *te* nas cartas de amor, com exceção das cartas escritas após um momentâneo distanciamento afetivo, momento de rompimento do casal, como é o caso da carta em que foram atestados os dados em (8).

Nas cartas de 1970, de maneira oposta, são os pronomes *seu/sua* os mais comumente atestados e em qualquer situação, apontando para uma generalização dessas formas de 3^a pessoa morfossintática para representar a 2^a pessoa do discurso. Esses dados também apresentaram concordância variável da pessoa verbal, como ilustrado em (9): “tu continuasse como eras”, com a presença tanto do morfema zero da 3^a pessoa verbal, como o morfema *s* da segunda pessoa verbal, foram atestados em concordância com o pronome sujeito *tu* (2^a pessoa morfossintática).

A associação entre a alteração do sistema de concordância e a generalização do uso dos pronomes possessivos *seu/sua* para instanciar a 2^a pessoa do discurso pode ser feita, mas muito há ainda para se investigar, uma vez que os gatilhos para as alterações podem estar em zonas de interface com conteúdos informacionais/discursivos como a topicalidade, conforme argumentaram Andrade e Namiuti (2019) para a variação *seu/sua vs dele/dela* para a 3^a pessoa do discurso no PC. Neste trabalho, verificamos que o uso de *seu/sua* deixou de ser sensível a questões pragmáticas como formalidade nas cartas de 1970 e que este fato vem junto com uma alteração no sistema de concordância e outras alterações no sistema pronominal, como já observam em outros trabalhos.

4 Considerações finais

O contraste presente nos dados extraídos das cartas de amor de casais que representam duas gerações adjacentes no tempo e pertencentes a um mesmo espaço geográfico, o Sertão do Pajeú em Pernambuco, sugere uma mudança que generaliza e especifica as formas pronominais possessivas *seu/sua* (3^a pessoa morfossintática) para o referente de 2^a pessoa discursiva. Postulamos, seguindo outros autores, que essa alteração tem origem em uma mudança gramatical profunda que afeta várias alterações superficiais observadas em variação nos dados (Kroch, 1989; 1994; 2001) e que tal mudança está localizada no sistema de concordância da língua.

Muito há ainda para se investigar e discutir, principalmente em relação às associações e relações entre as alterações encontradas nos textos e associadas à mudança gramatical do PB e suas possíveis causas. Começamos este artigo listando alguns trabalhos publicados entre finais do século XX, primeira e segunda década do século XXI, e, em todos, a grammaticalização de *você* aparece ou de forma explícita e direta, ou sugerida, como a cau-

sa das demais alterações. Esta parece ser uma verdade absoluta e inquestionável. Todavia, qual alteração veio primeiro e se é causa ou consequência de uma mudança profunda é uma questão aberta, e, talvez, de ‘ovo e galinha’. No caso específico da hipótese da entrada da forma *você* como pronome de segunda pessoa no paradigma pronominal do Português como gatilho/causa/origem da mudança gramatical, uma questão simples (e até ingênuas) que se coloca para uma explicação simples é porque as alterações observadas, no Brasil, não foram observadas em Portugal, uma vez que a grammaticalização de *você* se deu também no Português Europeu (PE). O uso de formas morfossintáticas de 3^a pessoa para se referir à **2^a pessoa do discurso é antigo está presente no PE** e não foi suficiente para desencadear mudança no sistema de concordância da língua. Por outro lado, a mudança gramatical pode ser explicada por alterações em zonas gramaticais de interface associadas a conteúdos informacionais/discursivos, como a topicalidade, que pode explicar a variação *seu/sua vs dele/dela* no PC (Andrade; Namiuti, 2019) e, ainda, a concordância com um tópico discursivo no PB (“O carro furou o pneu”) (Galves, 2001). Mas estas são questões em aberto para serem desenvolvidas em trabalhos futuros.

Desse modo, concluímos o artigo com uma perspectiva futura de aprofundamento da investigação das alterações das formas possessivas em variedades do PB, sendo esta contribuição inicial o direcionamento dos caminhos de investigação que buscamos trilhar.

Referências

- ABREU, J. C. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, 1930.
- ANDRADE, Aroldo L. de; NAMIUTI, Cristiane. *A variação nas marcas de posse nominal de 3^a. pessoa no português antigo e clássico*. Apresentação no Congresso Internacional da ABRALIN 50 anos. 2019.
- ARDUIN, J. *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na região sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2005.
- ARDUIN, J.; COELHO, I. L. A variação dos possessivos teu e seu e suas implicações estilísticas. In: VANDRESEN, P. (Org.). *Variação, mudança e contato linguístico*. Pelotas: Editora da UCEPel, 2006, p. 185-203.
- CERQUEIRA, Vicente C. A forma genitiva “dele” e a categoria de concordância (AGR) no português brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora Contexto, 2018, p. 105 – 128.

CERQUEIRA, Vicente C. A sintaxe do possessivo no português brasileiro. 1996. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP.

CERQUEIRA, Vicente C. A forma ‘dele’ na indicação de posse e as mudanças no sistema pronominal do português brasileiro. Manuscrito. 1990.

GALVES, Charlotte. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

GALVES, Charlotte. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: KATO, Mary A.; ROBERTS, Ian (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora Contexto, 2018. p.301 – 316.

GALVES, Charlotte. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.34, p.19-31, 1998.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2010: Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

KATO, M. A. *A complementariedade dos possessivos e das construções genitivas no português coloquial: réplica a Perini*. D.E.L.T.A., São Paulo, v. 1, n. 1-2, p. 107-120, 1985.

KROCH, Anthony. Morphosyntactic variation. In: BEALS, K. et al. (Ed.). *Papers from the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society*. v.2: *The Parasession on variation and linguistic theory*, Chicago, v. 2, The University of Chicago Press, 1994.

KROCH, Anthony. Reflexes of grammar in patterns of language change. *Language Variation and Change*, Cambridge, n. 3, p. 199-244, 1989.

KROCH, Anthony. Syntactic change. In: BALTIN, Mark; COLLINS, Chris. (Ed.). *The handbook of contemporary syntactic theory*. Massachusetts: Blackwell , 2001. p. 699-729.

LOPES, C. R. dos S.; MACHADO, Ana C. Morito. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. In: *A norma brasileira em construção, fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX*. FAPERJ/UFRJ. Rio de Janeiro, 2005.

LOPES, Célia R. dos Santos; MARCOTULIO, Leonardo; OLIVEIRA, Rachel; OLIVEIRA, Thiago; SOUZA, Camila. A reorganização do sistema pronominal de 2^a pessoa na história do português brasileiro: outras relações gramaticais. In: *História do português brasileiro: Mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 142-185.

LUCENA, Rachel de O. Pereira. O estudo da variação ‘teu’/ ‘seu’: atuação do fator grau de parentesco. In: LaborHistórico, Rio de Janeiro 5 (Especial), p.83-103, jan./jun. 2019.

MARCOTULIO, L. L. *Língua e história: o 2º marquês do Lavradio e as estratégias linguísticas da escrita no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Ítaca, 2010.

MARTINS, M. A.; VARGAS, M. R. M.; Os possessivos de segunda pessoas do singular em cartas de leitores de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX. *Polifonia*, Cuiabá, MT, v. 21, n. 29, p. 369-395, 2014.

MENON, O. P. S. O sistema pronominal do português do Brasil. *Letras*, Curitiba, n. 44, p. 91-106, 1995.

MENUZZI, S. 3rd Person Possessives in Brazilian Portuguese: On the Syntax-Discourse Relation. In: Botley S, editor. Proceedings of the Discourse Anaphora and Anaphora Resolution Colloquium, Working Papers collection. Inglaterra: Lancaster University, Centre for Computing and Corpus Research on Language, UCREL Technical Papers, 1999. v.8, p. 191-210.

PERINI, Mário. *O surgimento do sistema possessivo do Português coloquial: uma interpretação funcional*. Revista DELTA, São Paulo, v. I, n. 1 e 2, p. 1-16, ago., 1985.

SANTOS, J. V.; NAMIUTI, C. O futuro das humanidades digitais é o passado. In: CARRILHO, E. et al. *Estudos Linguísticos e Filológicos oferecidos a Ivo Castro*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2019. p. 1381-1404.

SILVA, G. M. de O. *Estudos da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade do Rio de Janeiro, UFRJ, 1982.

SILVA, G. M. de O. *A variação no Sistema Possessivo de Terceira Pessoa. Tempo Brasileiro*. n. 78 e 79, 1984 Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade do Rio de Janeiro, UFRJ, 1982.

SILVA, G. M. de O. Estertores da forma *seu* na língua oral. In: SILVA, Gisele M. Oliveira; SCHERRE, Maria Marta (Orgs.). *Padrões sociolinguísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p.171-180.

